

## Construções *para + infinitivo*: um motivo para repensar o ensino da gramática

(The infinitive after *para* in Portuguese: one reason to rethink the teaching of grammar)

Vanda Cardozo de MENEZES  
Universidade Federal Fluminense

*ABSTRACT: This paper presents the notion of prototype as an important theoretical basis for an analysis of grammatical constructions from a functionalist perspective with a view to proposing an alternative to the teaching of grammar which describes language in use. The para + infinitive constructions have in the oral or in the written mode a great communicative result and exemplify different functions that approximate the prototype structure with the semantic value of finality in different degrees. The analysis of the data shows that in all contexts functional motivations can be found for every kind of construction.*

*RESUMO: O estudo apresenta a concepção de categorização prototípica como importante fundamento teórico para a descrição das construções gramaticais sob o ponto de vista funcionalista, visando alcançar uma proposta alternativa de um ensino de gramática mais próximo do uso efetivo da língua. As construções para + infinitivo*

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

*têm, na oralidade e na escrita, um alto rendimento comunicativo e exemplificam uma variedade de funções que se aproximam em diferentes graus da estrutura prototípica com valor semântico de finalidade. A análise dos dados mostra que em todos os contextos se podem depreender motivações funcionais que justificam o uso de cada um dos tipos de construção.*

**KEY-WORDS:** *Functionalism, prototype categories, para + infinitive constructions.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Funcionalismo, categorias prototípicas, construções para + infinitivo.*

## INTRODUÇÃO

A opção funcionalista de preservar a relação entre cada construção e seu *contexto de aplicação* pressupõe estudos na interseção dos vários domínios gramaticais e exige o abandono da rigidez tradicional na distinção das categorias lingüísticas.

Neste trabalho, pretendemos demonstrar que uma concepção de organização das categorias gramaticais em escalas e protótipos parece ser bastante adequada à descrição gramatical, com possibilidades de posterior aplicação ao ensino.

No caso das construções *para + infinitivo*, verificamos que, além da função mais prototípica de adverbial de finalidade, essas construções podem também assumir outras funções sintáticas. Em todos os contextos, é possível observar motivações semânticas e discursivas.

Trabalhamos com um *corpus* formado por uma amostra de língua oral culta, com 820 ocorrências de construções *para + infinitivo* extraídas de entrevistas

## VANDA DE MENEZES

pertencentes ao conjunto de dados do Projeto NURC/RJ, e com uma amostra de língua escrita, com 820 ocorrências da mesma estrutura, registradas em 330 crônicas de Arthur Xexéo, que foram publicadas pelo Jornal do Brasil nos anos de 1996 a 1998. O estilo extremamente informal do autor aproxima seus textos dos da linguagem oral, o que possibilita comprovar na escrita a emergência de certos usos mais freqüentes na oralidade.

### UM REQUISITO FUNCIONALISTA: A INTER-RELAÇÃO ENTRE SINTAXE, SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA

Um fundamento teórico funcionalista básico diz respeito à concepção de língua como um instrumento de interação social entre seres humanos. Dessa premissa, advém uma série de princípios teóricos baseados no uso da língua.

Dik (1989, p.3), por exemplo, concebe as expressões lingüísticas como entidades que se estruturam segundo dois tipos de sistemas de regras: as que governam a constituição das expressões lingüísticas (*regras de expressão*) e as que governam os padrões da interação verbal (*regras pragmáticas*).

Não há, segundo os funcionalistas, qualquer possibilidade de se compartilhar da posição gerativista em defesa de uma *sintaxe autonôma*. A sintaxe é vista como um instrumento em relação à semântica, e a semântica, por sua vez, como um instrumento em relação à pragmática. É o que Dik (op.cit., p.7) declara:

(...) no paradigma funcionalista, a relação entre os diferentes componentes da organização lingüística é entendida de tal modo, que a pragmática é vista como uma estrutura envolvente, dentro da qual a semântica e

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é considerada como instrumento em relação à pragmática, e a sintaxe como instrumento em relação à semântica. Nessa concepção, não há lugar para algo como sintaxe 'autônoma'. Ao contrário, na medida em que uma separação nítida entre sintaxe e semântica possa ser feita, a sintaxe serve para que as pessoas possam formar expressões complexas para exprimir significados complexos, e tais significados servem para que as pessoas se comuniquem acuradamente em diferentes modos.<sup>11</sup>

Van Valin & La Polla (1997, p.11), ao identificarem pontos em comum entre os funcionalistas, afirmam que o *status* conferido à sintaxe, em relação à semântica e pragmática, pode variar nas diferentes vertentes funcionalistas, mas, em todas, a sintaxe não é considerada como aspecto central da linguagem.

### UMA ALTERNATIVA PARA O ESTUDO DA SINTAXE E DA SEMÂNTICA NO DISCURSO: A CONCEPÇÃO DE CATEGORIZAÇÃO PROTOTÍPICA

Os funcionalistas optam por preservar a *relação en-*

---

<sup>11</sup> "It will now be evident that in the functional paradigm the relation between the different components of linguistic organization is viewed in such a way that pragmatics is seen as the all-encompassing framework within which semantics and syntax must be studied. Semantics is regarded as instrumental with respect to pragmatics, and syntax as instrumental with respect to semantics. In this view there is no room for something like an "autonomous" syntax. On the contrary, to the extent that a clear division can be made between syntax and semantics at all, syntax is there for people to be able to form complex expressions for conveying complex meanings, and such meanings are there for people to be able do communicate in subtle and differentiated ways"(Dik, 1989, p.7)

*tre a construção e seu domínio de aplicação*, que é o domínio definido pela semântica e pela pragmática. Para isso, abandonam a rigidez tradicional na distinção das categorias lingüísticas, adotando uma concepção de organização das categorias em escalas implicativas e protótipos (Croft, 1992, p.17).

Taylor (1989) apresenta a categorização prototípica como uma alternativa à teoria clássica aristotélica de categorização.

Na abordagem clássica, cada categoria é definida em termos de um conjunto de traços necessários e suficientes. Não há qualquer possibilidade de alguns membros serem considerados mais bem definidos que outros. É questão de *ser ou não ser* membro da categoria. Nesse sentido, todos os membros têm o mesmo *status*. As categorias são bem delimitadas, não havendo casos de fronteira. Os traços são binários, como demonstra o conceito clássico de marcação, em que uma entidade será sempre marcada, segundo uma relação absoluta com outra entidade. Nessa abordagem, não há "brechas" para se observarem outras relações e para se admitir que uma mesma entidade seja *marcada* em uma dada relação e *não-marcada* em outra relação.

Já na categorização prototípica, as entidades são identificadas com base em atributos que estão em relação de *similaridade* com o *protótipo*. O termo *protótipo* pode ser interpretado como *um membro central ou um conjunto de membros centrais de uma categoria*, ou, alternativamente, *como uma esquemática representação do centro conceptual de uma categoria* (Taylor, op.cit., p.59). As entidades que mais se aproximam do protótipo serão consideradas as *mais centrais* da categoria; as que se distanciam serão *menos centrais* ou *periféricas*. Esse tipo

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

de categorização permite que se incluam na categoria aquelas entidades que, embora menos representativas, possam ser reconhecidas como membros.

Langacker (1987, p.17) ressalta o caráter representativo da noção de *protótipo* e refina o conceito, ao propor a *categorização por esquema*. Enquanto o protótipo é uma típica instância da categoria, em relação ao qual os membros são identificados, o esquema é uma caracterização abstrata plenamente compatível com todos os membros da categoria (não há, agora, uma relação gradual de *similaridade* entre os membros e o protótipo). O *esquema* é, pois, uma estrutura abstrata, integrada, que compreende o conjunto de membros da categoria, os quais representam, de diferentes modos, elaborações específicas dessa estrutura abstrata (op.cit., p.371).

Taylor (1989, p.66) prefere não separar dessa forma as duas noções – a de esquema e a de protótipo – e as concebe como *aspectos de um mesmo fenômeno*. No primeiro caso, uma entidade se comporta como plenamente compatível com uma representação abstrata; no segundo, é apenas parcialmente compatível.

### A ESTRUTURA DA ORAÇÃO NA GRAMÁTICA FUNCIONAL

A proposta teórica de Dik (1989) para o estudo da oração é um exemplo de como o modelo de categorização linguística pode conjugar as duas noções – a de *protótipo* e a de *esquema*. Tendo como objetivo considerar as propriedades semânticas e formais da oração, de uma maneira adequada à tipologia das línguas, Dik (op.cit. p.46) recorre à formulação de uma *estrutura subjacente*

(um *esquema*), que se atualiza no discurso como *expressão lingüística*. As expressões lingüísticas se diferenciam segundo se aproximem ou se distanciem de uma dada estrutura (um *protótipo*), que representa plenamente a estrutura subjacente.

A *estrutura subjacente da oração*<sup>12</sup>, concebida por Dik, é uma estrutura abstrata complexa, em que se identificam *camadas* ou *níveis* de construção. Nos níveis mais baixos distinguem-se dois tipos de elementos: *predicados* (elementos predicadores) e *termos* (elementos não-predica-dores). Os predicados designam propriedades ou relações. Eles são base da predicação e, por isso, representam o nível 0 (Dik, 1997, p.93). Os termos se referem a entidades e representam o nível 1.

Embora o predicado seja representado mais frequentemente por um verbo, qualquer outro elemento lexical também pode ser tomado como um predicado. É possível, assim, distinguir diferentes categorias e subcategorias de predicado, segundo propriedades formais e funcionais (Dik, op.cit., p.162). Em princípio, distinguem-se três categorias básicas de predicado: verbal (V), nominal (N) e adjetival (Adj). O predicado e os termos a ele apropriadamente aplicados constituem uma *predicação* (Dik, op.cit., p.46). Os termos requeridos pela semântica do predicado são chamados *argumentos*, e os termos que expressam uma informação adicional são chamados *satélites*. O predicado e os argumentos formam a *predicação mais*

---

<sup>12</sup> O termo *oração* é usado, nessa parte da exposição da concepção teórica de Simon Dik, em sentido amplo, designando tanto a *oração simples*, quanto a *oração complexa*, que compreende a *oração matriz* e a *oração encaixada*.

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

*nuclear*, que, expandida por satélites, forma a *predicação central* (op.cit., p 56).<sup>13</sup>

Alguns contextos com construções infinitivas iniciadas por *para* são tomados, a seguir, para exemplificar esse esquema oracional.

Em (1), o predicado verbal *pedir* constrói uma predicação, com três argumentos - (*Guilherme*), (*à funcionária*) e (*pra ir ao banheiro*). O termo *pra ir ao banheiro* se apresenta como uma estrutura predicativa encaixada que opera no nível interno da oração. O termo anteposto à predicação – *na Varig* – funciona como satélite.<sup>14</sup>

- (1) Na Varig, Guilherme pediu (V) à funcionária *para ir ao banheiro*. (JB/AX, 02/07/98)

Em (2), o nome *condições* assume a função de predicado. Isso se dá porque o *esquema predicativo* do verbo *ter* possibilita a formação de um predicado derivado em que um segundo termo é convertido em predicado.

- (2) muito difícil quem queira se incomodar em ser síndico... de forma que quando alguém quer... todo mundo aceita correndo sem examinar se aquela pessoa tem condições *pra ser síndico...* (NURC70M3)

---

<sup>13</sup> Dik (1989, p.56-57) usa, em inglês, a expressão *nuclear predication*, para indicar a predicação mais nuclear, e *core predication*, para indicar a primeira expansão da predicação, feita por satélites de nível 1.

<sup>14</sup> Os exemplos são identificados primeiramente segundo a amostra: NURC (amostra de oralidade) e JB/AX (Jornal do Brasil / crônicas de Arthur Xexéo: amostra de língua escrita). Os exemplos da amostra NURC são identificados também segundo os grupos de fatores: década (70 e 90); gênero, H (homens) e M (mulheres); e faixa etária, 1 (25-35 anos), 2 (36-56 anos) e 3 (56 anos em diante). Os exemplos da amostra JB/AX são identificados pela data de publicação.

## VANDA DE MENEZES

Em (3) é o adjetivo que assume a função de predicado por meio de um verbo cópula.

- (3) ...o menino deve ser louco (Adj) *pra comer açúcar...* (NURC90M3)

Na estrutura subjacente da oração, Dik define ainda um nível superior ao da predicação – o nível da proposição. Um estado de coisas, representado pela predicação, constitui uma *proposição* quando indica *um fato possível que pode ser colocado em dúvida ou pode ser mencionado, negado, rejeitado ou lembrado*. É como se apresenta a predicação encaixada em (4).

- (4) Muita gente, rebatendo coluna recente, acha que o verão tem seu lado positivo *para justificar boas lembranças no futuro*. (JB/AX,11/02/98)

Os satélites operam em todos os níveis – do nível do predicado ao nível da oração. Em (5), a predicação infinitiva funciona como *satélite* em relação à predicação *você tem que colocar as carnes*.

- (5) ...gosto muito de um... um feijão enxofre né... de um feijão branco... mas aí *pra fazer esses feijões...* você tem que colocar as carnes... porque esse feijão mais claro sem carne não tem graça nenhuma...(NURC90M2)

Dik (1997, p.47) ainda identifica, na estrutura subjacente da oração, *os operadores*, elementos que, como os satélites, também operam em todos os níveis. No nível da predicação, por exemplo, há operadores de tempo, de polaridade (positivo/negativo), de modalidade e de aspecto. Na estrutura apresentada no exemplo (2), o elemento *re-*

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

*almente* conjuga a função de operador de modalidade epistêmica com a de operador de polaridade positiva.

Resumindo a proposta de Dik, apresentam-se abaixo os diversos níveis da estrutura formal e semântica da oração<sup>15</sup>:

Nível 4: Oração → *ato de fala*

Nível 3: Proposição → *fato possível*

Nível 2: Predicação → *estado de coisas*

Nível 1: Termos → *entidades*

Nível 0: Predicado → *propriedade/relação*

## AS CONSTRUÇÕES PARA+INFINITIVO

As 1640 ocorrências que constituem o *corpus* deste estudo exemplificam construções infinitivas que se situam em diferentes níveis da organização formal e semântica da estrutura do período. Há construções que se situam no nível do *ato de fala* (adverbiais de enunciado), há as que se referem ao conteúdo de uma *proposição* ou de uma *predicação* (adverbiais circunstanciais); construções que se referem a *termos nominais* (as adnominais e as predicativas), e construções que se ligam a *predicados*, representados em geral pelas categorias *nome* (completivas nominais), *adjetivo* (completivas adjetivais) e *verbo* (completivas verbais). Há também as construções com verbo *dar*, examinadas separadamente dadas as particularidades dessas construções.

---

<sup>15</sup> A disposição das camadas e a numeração dos níveis seguem a tabela apresentada no volume II da Teoria da Gramática Funcional de Dik (1997, p.93). No volume I (Dik, 1989, p.49), o *predicado* e *termos* compõem, em conjunto, o nível 1 da estrutura da oração, não havendo o nível 0.

VANDA DE MENEZES

A tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição dos dados das Amostras NURC (oralidade) e Xexéo (escrita), segundo os tipos de construções *para + infinitivo*.

Tabela 1 – Distribuição das ocorrências das duas amostras segundo o tipo de construção.

<i>Tipos de construção</i>	<i>Amostra NURC</i>		<i>Amostra Xexéo</i>		<i>Total</i>
Adverbiais de enunciado	20	32%	41	68%	61
Adverbiais circunstanciais	393	53%	343	47%	736
Adnominais	79	68%	37	32%	116
Completivas nominais	93	49%	99	51%	192
Completivas adjetivais	57	40%	85	60%	142
Predicativas	39	64%	22	36%	61
Completivas verbais	83	54%	96	46%	179
Construções fixas c/ v. <i>dar</i>	56	37%	97	63%	153
Total	820	50%	820	50%	1640

Neves (2000, p.890) apresenta as construções adverbiais de enunciado como "as que modificam o próprio ato lingüístico". Funcionam como satélites de nível 4 e são uma espécie de *constituente extra-cláusula* (Dik 1997, p.379).

As adverbiais de enunciado iniciadas por *para* têm, de modo geral, a função pragmática de "orientação do discurso", como se pode notar no exemplo (6).

- (6) Será que ele teria que se contentar com a pesquisa de boca-de-urna? Oito e meia, nove, nove e meia... *Para encurtar a história*, o primeiro resultado na Internet só apareceu às 2 e meia da madrugada. (JB/AX, 06/10/96)

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

As construções circunstanciais funcionam como *satélites* circunstanciais de nível 3, em relação a uma proposição – *fato possível* –; e de nível 2, em relação a uma predicação – *estado de coisas*.

O contexto típico dessas construções que expressam a idéia de finalidade requer que a *oração matriz* apresente *sujeito* capaz de exercer *controle* sobre o evento expresso na oração adverbial (Neves, 2000, p.888). É o que permite constatar o exemplo (7).

- (7) Paulo Francis costuma insinuar que os diretores brasileiros pegaram dinheiro da Embrafilme *para comprar apartamentos na Vieira Souto*, o que não o transformou exatamente no queridinho de nossos cineastas. (JB/AX, 04/12/96)

Já no exemplo a seguir, observe-se que o valor proposicional da oração matriz, ao indicar necessidade ou obrigação, não requer um sujeito controlador e, dessa forma, descaracteriza o contexto lingüístico prototípico da expressão de finalidade, propiciando um *desbotamento semântico* e favorecendo a expressão de outros matizes. Nesse exemplo, em (8), depreende-se o matiz *condicional*, que vem reforçado pela anteposição iconicamente motivada, já que, cognitivamente, a condição precede o fato condicionado (Haiman, 1985).

- (8) ... acho que *pra eles falarem*... eles têm que tá com uma raiva, assim, horrível... (NURC90H2)

Sob o rótulo de *adnominais*, são consideradas todas as construções que funcionam como *adjuntos adnominais*, ou seja, todas aquelas construções que funcionam como *satélites* de nível 1 em relação a um *termo* nominal.

VANDA DE MENEZES

- (9) ... me lembro muito bem que tinha um abajur de pé... sabe abajur de pé? E uma mesa... uma mesinha de centro baixinha *pra colocar cinzeiro...* essas coisas... a sala era muito pequena não dava pra muita coisa não... (NURC70M1)

Observe-se que, em (9), se atribui ao termo nominal (*uma mesinha de centro baixinha*) uma propriedade que consiste em uma especificação com valor de *finalidade* expresso pela proposição *pra colocar cinzeiros... essas coisas*. Muitas construções adnominais se assemelham às construções relativas. O exemplo em questão poderia ser interpretado como “uma mesinha de centro baixinha *onde* se possa colocar cinzeiro... essas coisas...”.

As construções infinitivas iniciadas por *para* podem também ocupar a posição de predicativo. Essa função é explicada, segundo Dik (1989, p.173), por uma regra geral de formação que permite que uma construção de finalidade seja aplicada a um *termo*. É o que se pode observar em (10), em relação ao termo *isso tudo*.

- (10) Isso tudo é *para demonstrar o espanto do colunista* ao descobrir que todos os candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro não têm vergonha de se declarar lacerdistas. (JB/AX, 25/09/96, 027)

A expressão nominal, em (11), é especificada por uma construção infinitiva iniciada por *para*, que expressa uma propriedade que consiste em ser um *objetivo*.

- (11)...eu procuro sentir o problema de cada um... o primeiro dinheiro que entra é *pra pagar professor...* (NURC70H1)

Predominantemente distribuídas em grau avançado da escala de redução ou *dessentencialização* (Menezes,

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

2001, p.129), as construções predicativas se particularizam pelas interpretações modais que tendem a assumir em alguns contextos (Dik, 1997, p.151).

Em (12), depreende-se o valor de modalidade deôntica, que pode ser parafraseado por *dever*. A construção permite ser situada no domínio do imperativo.

- (12) O primeiro mercado a ser visitado é o mais tradicional deles, o Camden Market. Num grande terreno espalham-se as barracas que misturam casacos de lã por 20 libras (mais ou menos 30 reais) – uma boa compra nesta época do ano – com gravatas usadas por 10 libras (cerca de 15 reais). Camden Market é *para ser pesquisado com olhos de arqueólogo*. (JB/AX, 31/01/96)

Note-se que a construção infinitiva iniciada por *para*, nesses contextos, além de assumir uma função sintaticamente marcada de *predicado* de finalidade (Dik, 1989, p.173), também assume uma *função pragmática apresentativa* ao se referir a uma entidade que o falante deseja explicitamente introduzir no discurso – ou reintroduzir, como parece ser o caso – e o faz por meio de uma associação com uma predicação (Hannay, 1985, apud Dik, 1989, p.179).

As construções completivas nominais estão, como as adnominais, também ligadas a um termo nominal, mas funcionam como *argumentos* do nome, enquanto as adnominais funcionam como *satélites*. Essa distinção entre os dois tipos de construção é, em alguns contextos, difícil de ser estabelecida, pois as fronteiras entre as funções *satélite* e *argumento* nem sempre se apresentam nítidas quando se considera o uso efetivo da língua.

## VANDA DE MENEZES

Na análise das ocorrências que se ligam a *nomes*, observou-se, para a identificação da função de argumento, se o termo nominal apresentava função predicativa. Há casos em que essa função é mais facilmente identificada – quando o *nome* tem força predicativa derivada de um predicado verbal, como é demonstrado em (13), em relação ao termo *indicação* –; ou quando o *nome* tem um valor genérico e requer especificação, como se dá em (14), em relação ao termo *condições*.

(13) Foi estranha, muito estranha, a reação de parte da classe cinematográfica brasileira contra a indicação, pelo Ministério da Cultura, do filme *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto, *para concorrer a uma candidatura ao Oscar*. (JB/AX, 05/11/97)

(14) muito difícil quem queira se incomodar em ser síndico... de forma que quando alguém quer... todo mundo aceita correndo sem examinar se aquela pessoa tem condições *pra ser síndico*... (NURC70M3)

Há casos de indefinição. Nesses casos, recorreu-se a um teste tradicionalmente conhecido, que consiste em verificar se o termo ligado ao nome deve ser considerado *essencial* ou *acessório* em termos da manutenção da gramaticalidade ou da integridade semântica da construção matriz. Sabe-se que esse teste não deve ser aplicado descuidadamente, pois alguns *argumentos* podem ser retirados em alguns contextos, e alguns *satélites*, dada a sua relevância do ponto de vista pragmático, podem ser fundamentais para a interpretação do enunciado.

Em (15), o nome *cidade*, com um adjetivo antecedente, parece requisitar a complementação.

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

(15) Brasília é ótima cidade *pra morar dentro de casa...* (NURC70M1)

As construções completivas adjetivais funcionam como *argumentos* em relação a um termo caracterizado como adjetivo.

(16) Dá pra acreditar que Diana, entre uma comprinha na Harvey Nichols e uma malhação numa academia qualquer de Knightsbridge, esteja louca *para passear pelo Parque da Pampulha?* (JB/AX, 23/10/96)

Observe-se que no exemplo (16) *quase* não se identifica a noção de finalidade na construção iniciada por *para*, fato que com frequência se verifica quando se examinam as construções completivas adjetivais. A acepção de finalidade pode advir de propriedades semânticas do predicado, ou da predicação, e não apenas da construção completiva.

As construções completivas verbais funcionam no sistema de transitividade verbal e têm a função de segundo ou terceiro *argumento* de um predicado verbal. Em (17), o complemento de finalidade é um dos argumentos na formação do predicado verbal *usar* e designa *o objetivo da utilização*. Em (18), o complemento de finalidade é um dos argumentos do predicado verbal *convidar* e expressa *o objetivo do convite*.

(17)... pelo que eu me lembro não era uma calça minha, era emprestada do meu irmão, quer dizer, é uma coisa que eu usei *para ir àquela festa...* (NURC90H2, 202)

VANDA DE MENEZES

- (18) Natalia Makarova só voltou à Rússia 18 anos após sua deserção. Os tempos já eram de Gorbatchev e o Kirov convidou-a *para estrelar uma montagem de Eugene Onegin*. (JB/AX, 23/05/96)

As aqui chamadas *construções com dar* são aquelas construções em que a preposição *para*, que inicia a construção infinitiva, se combina com o verbo *dar* e a ele se integra, formando uma espécie de predicado fixo. Essas construções infinitivas exemplificam estágios avançados de gramaticalização da preposição *para* e se distanciam do valor prototípico de finalidade expresso pelas adverbiais circunstanciais.

- (19) Olhando com prazer ou olhando com indiferença? Não dá *pra saber*. Mas o texto não deixa margem a dúvidas...(JB/AX, 20/03/98)

Gorski (1999), em estudo específico sobre as construções *dar para / de + infinitivo*, observa que, nessas construções, ocorrem concomitantemente três fenômenos: esmaecimento semântico da preposição *para*, integração semântico-sintática da construção infinitiva e gradual abstratização do item lexical *dar*.

Examinando esses contextos, notamos que o processo de gramaticalização que envolve toda a construção com o verbo *dar* aponta, primeiramente, uma redução de valência do predicado verbal. Essa redução, porém, nem sempre é nítida. Há contextos de ambigüidade, em que tanto é possível identificar o sujeito, quanto se pode considerar o predicado reduzido. Em (20), há a possibilidade de se indicar o termo *varandinha* como sujeito (*dar* com valor de "permitir") ou de se considerar a construção com verbo

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

*dar* reduzido em primeiro argumento, correspondendo a "ser possível".

(20)...um pouquinho mais para trás então a varandinha e aí dava *pra ver a fachada...* (NURC70M1)

Note-se que é possível observar também um processo de expansão de valência desses predicados gramaticalizados, como expressão de valores modais derivados. Em (21), o termo *essa couve* pode ser identificado como correferente do sujeito *zero* nas duas predicções com verbo *dar*. Em (22), o elemento *o Fusca* preenche a posição de sujeito. Nos dois exemplos, pode-se depreender o valor de "ser suficiente", assumido pelo verbo *dar*.

(21)...e o médico foi lá e verificou que... *essa couve* tinha qualquer substância estranha... entorpecente... não... não deu *pra matar...*mas deu *pra deixar assim meio zozzo...* (NURC70H3)

(22)A câmara abre e mostra ao fundo o Fusca todo depenado. Francisco se explica: — Bom... como o Fusca já não dava mais *para tirar a diferença*, aí eu cheirei os bancos, os faróis, os pneus, os pára-choques. (JB/AX,26/10/97)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade de funções que a estrutura *para + infinitivo* assume em diferentes contextos, com valores que se aproximam ou se distanciam de um valor prototípico de finalidade, pode mostrar que um tratamento das categorias gramaticais como entidades discretas não é o mais adequado quando se concebe a *sintaxe* e a *semântica*

## VANDA DE MENEZES

envolvidas pelo discurso.

Sabemos que a tarefa de um ensino gramatical que considere a língua em uso não é nada fácil, pois enfrenta, por parte dos próprios alunos, a exigência de definições nítidas e de classificações precisas, fruto de um longo período de ensino tradicional. Mas, a favor de uma mudança de abordagem, temos, desses mesmos alunos, as queixas sobre “a artificialidade de algumas regras e definições tradicionais”.

Não se trata, porém, de desprezar o trabalho já realizado pela tradição gramatical. Na abordagem funcionalista as definições mais nítidas não serão de todo abandonadas, elas poderão servir às categorias prototípicas e serão compreendidas como “pontos de referência”, o que fará com que o aluno estabeleça, adequadamente, a relação entre teoria, descrição e objeto (língua concretamente realizada).

## REFERÊNCIAS

CROFT, William. *Syntactic Categories and grammatical Relations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Part II: complex and derived constructions. 2.ed. New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GORSKI, Edair. *Construções dar para/de + infinitivo: um caso de gramaticalização*. Mimeo, 1999.

## CONSTRUÇÕES PARA + INFINITIVO

HAIMAN, John. *Natural syntax. Iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LANGACKER, W. Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar. Theoretical Prerequisites*. Standford: Standford University Press, vol. 1, 1997.

MENEZES, Vanda M. Cardozo de. *Construções infinitivas iniciadas por para: oracionalidade e redução*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras (Tese de Doutorado), 2001.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

TAYLOR, John R. *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press/Clarendon, 1989

VAN VALIN, R.D. & LA POLLA, R.J. *Syntax. Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

Recebido: Setembro de 2003

Aceito: Dezembro de 2003

*Endereço para correspondência:*

Vanda Cardozo de Menezes  
Praia do Icaraí, 117/602  
24230-001 – Niterói, RJ  
vcmenezes@urbi.com.br